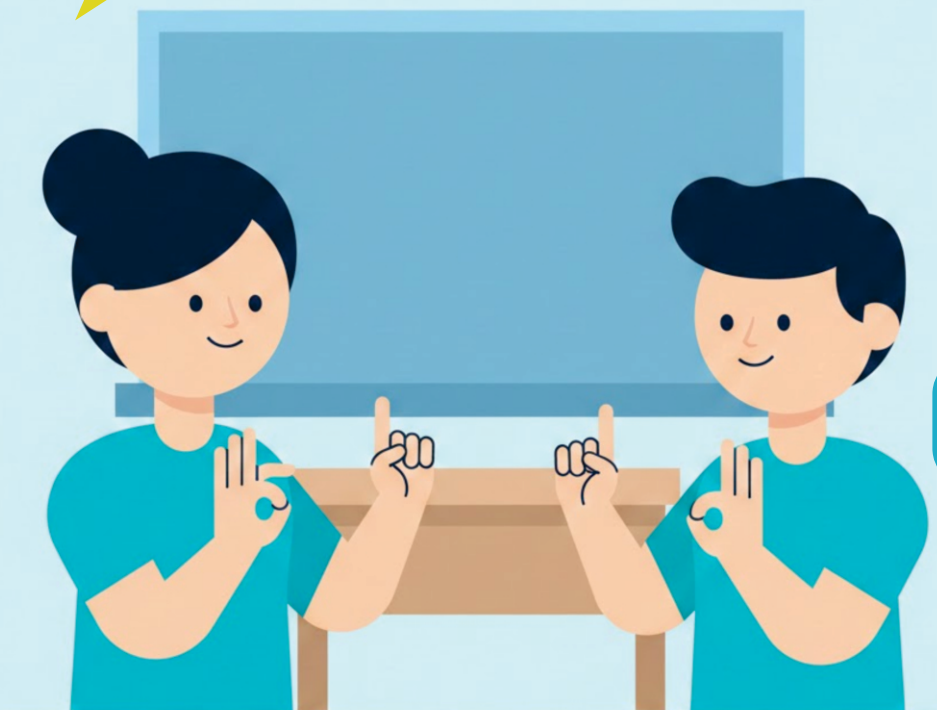


Paulo de Tarso da Silva Junior
Josélia Rodrigues Silva Bezerra
Beatriz de Sousa Medeiros Gomes
ORGANIZAÇÃO


ACADÊMICA
Editorial



Guia de Orientações Didáticas para o Trabalho Pedagógico com a Comunidade Surda



ED.1
2026



CONSELHO EDITORIAL

Dr. Clívio Pimentel Júnior – UFOB (BA)
Dra. Edméa Santos – UFRRJ (RJ)
Dr. Valdriano Ferreira do Nascimento – UECE (CE)
Dra. Ana Lúcia Gomes da Silva – UNEB (BA)
Dra. Eliana de Souza Alencar Marques – UFPI (PI)
Dr. Francisco Antonio Machado Araújo – UFDPAr (PI)
Dra. Marta Gouveia de Oliveira Rovai – UNIFAL (MG)
Dr. Raimundo Dutra de Araújo – UESPI (PI)
Dr. Raimundo Nonato Moura Oliveira – UEMA (MA)
Dra. Antonia Almeida Silva – UEFS (BA)

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

G943 Guia de orientações didáticas para o trabalho pedagógico com a comunidade surda / Paulo de Tarso da Silva Junior, Josélia Rodrigues Silva Bezerra, Beatriz de Sousa Medeiros Gomes, organização – Parnaíba, PI: Acadêmica Editorial, 2026.
55 p. : il.

ISBN versão digital: 978-65-5999-245-4


1. Surdos. 2. Didática inclusiva. 3. Educação Bilíngue de Surdos.
4. Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS). I. Silva Junior, Paulo de Tarso da.
II. Bezerra, Josélia Rodrigues Silva. III. Gomes, Beatriz de Sousa Medeiros.
IV. Título.

CDD: 419

Bibliotecária Responsável:
Nayla Kedma de Carvalho Santos – CRB 3ª Região/1188

DOI: 10.29327/5825593

Link de acesso: <https://doi.org/10.29327/5825593>



” A inclusão acontece quando se aprende com as diferenças e não com as igualdades.”

Paulo Freire

Autores



**ANA CLEIDE
DE SOUSA GOMES**



**ANTONIA DELCIMAR
DA COSTA AZEVEDO**



**BEATRIZ SOUSA
MEDEIROS GOMES**



**BLAYNNA
LIMA COSTA**



**CLAUDIA
DA SILVA SOUSA**



**EDILENE VIEIRA
DE ASSIS COSTA**



**JOSÉLIA
RODRIGUES SILVA BEZERRA**

Autores



**LAURENICE
SILVA**



**LUZÂNIA
DA SILVA LEITE**



**MACIEL
PEREIRA SILVA**



**MARIA FRANCINETE
DA SILVA RODRIGUES**



**MARLUCIA DE PAULA
SILVA SOUZA**



**PAULO DE TARSO
DA SILVA JUNIOR**



**RENATO CARDOSO
DE OLIVEIRA**

Ficha Técnica

Tipo de Produto:

Cartilha didático-pedagógica (Produto Educacional)

Área:

Educação

Educação Bilíngue de Surdos

Didática e Formação de Professores

Público-alvo:

Professores ouvintes da Educação Básica e Superior que atuam ou desejam atuar com a comunidade surda

Coordenação/Orientação:

Paulo de Tarso da Silva Junior

Diagramação:

Rafael da Silva Bezerra

Correção ortográfica:

Natália de Almeida Simeão Vilanova

Maria Gabriela Medeiros de Oliveira

Correção:

Paulo de Tarso da Silva Junior

Instituição:

Universidade Federal do Piauí (UFPI)

Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica – PARFOR

(Polo de Floriano)

Disciplina vinculada:

Didática Geral

Ano de produção:

2026

Formato:

Digital (PDF)

Idioma:

Português escrito

Contexto de produção:

Produto Educacional desenvolvido no âmbito da disciplina Didática Geral, como ação formativa, investigativa e extensionista, articulada à Educação Bilíngue de Surdos.

Licença de uso:

Uso educacional e formativo, sem fins lucrativos

SUMÁRIO

Apresentação	09
Como utilizar esta cartilha	10
Introdução	11
Capítulo 1	
Orientações atitudinais para o trabalho pedagógico com a comunidade surda	09
1.1 Postura ética do professor ouvinte	13
1.2 Respeito à Libras como língua legítima.....	13
1.3 Superação de práticas assistencialistas	14
1.4 Escuta pedagógica e alteridade	15
Capítulo 2	
Orientações visuais e espaciais para a prática pedagógica	16
2.1 A visualidade como princípio pedagógico	18
2.2 Organização do espaço da sala de aula	18
2.3 Iluminação e visibilidade	19
2.4 Uso intencional de recursos visuais	20
2.5 Orientações para o uso de textos, letras e fontes	21
2.6 Orientações sobre cores e contrastes	22
2.7 Uso do corpo, do sinal e do posicionamento docente	23
2.8 Exemplos de práticas pedagógicas visualmente acessíveis	24
Capítulo 3	
Orientações linguísticas e comunicacionais	26
3.1 Libras como língua de instrução	27
3.2 Português escrito como segunda língua (L2)	27
3.3 Clareza na comunicação pedagógica	28
3.4 Relação pedagógica com intérpretes de Libras	29
3.5 Uso consciente da oralidade	30
3.6 Comunicação em sala de aula: exemplos práticos	31
Capítulo 4	
Orientações didático-metodológicas	32
4.1 Planejamento pedagógico acessível	33
4.2 Metodologias ativas e participativas	33
4.3 Sequências didáticas visuais	34
4.4 Ensino contextualizado e significativo	35
4.5 Uso do tempo pedagógico	35
4.6 Exemplos de práticas didático-metodológicas	36

SUMÁRIO

Capítulo 5

Orientações avaliativas	37
5.1 Avaliação como processo formativo	38
5.2 Diversificação dos instrumentos avaliativos	38
5.3 Avaliação visual e contextualizada	39
5.4 Português escrito na avaliação	40
5.5 Avaliação em Libras	40
5.6 Exemplos de práticas avaliativas	41

Capítulo 6

Orientações interdisciplinares	42
6.1 Exemplos de práticas didático-metodológicas	43
6.2 Planejamento interdisciplinar acessível	43
6.3 Temas geradores e projetos interdisciplinares	44
6.4 Articulação entre Libras, Português L2 e conteúdos curriculares	44
6.5 Exemplos de práticas interdisciplinares acessíveis	45

Capítulo 7

Orientações para o diálogo com a comunidade surda	46
7.1 A comunidade surda como sujeito coletivo	47
7.2 Parceria entre escola e comunidade surda	47
7.3 Relação com famílias de estudantes surdos	48
7.4 Escuta, participação e protagonismo surdo	48
7.5 Escolas devem ser inclusivas	49
7.6 Exemplos de práticas de diálogo com a comunidade surda	49

Considerações finais	50
-----------------------------------	-----------

Referências	51
--------------------------	-----------

Anexos	52
---------------------	-----------

Apresentação

Este Produto Educacional consiste em uma cartilha de orientações didáticas voltada ao trabalho pedagógico com a comunidade surda, elaborada a partir dos princípios da Educação Bilíngue de Surdos e da didática inclusiva. O material reúne orientações práticas, reflexões pedagógicas e propostas de ação destinadas a apoiar professores ouvintes no desenvolvimento de práticas educativas mais acessíveis, respeitosas e coerentes com as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

A cartilha foi criada em resposta às dificuldades ainda recorrentes no contexto educacional brasileiro, nas quais professores ouvintes, mesmo comprometidos com a inclusão, não dispõem de orientações didáticas sistematizadas que considerem a Libras como língua de instrução e o Português escrito como segunda língua. Diante dessa realidade, o Produto Educacional surge como uma estratégia formativa que busca contribuir para a qualificação da prática docente e para o fortalecimento do direito à educação da pessoa surda.

O material foi produzido por estudantes do curso de Licenciatura em Educação Bilíngue de Surdos, no âmbito da disciplina Didática Geral, sob orientação docente. Ao assumir a autoria deste Produto Educacional, os estudantes ocupam o lugar de sujeitos produtores de conhecimento pedagógico, compartilhando saberes construídos a partir de suas experiências formativas, vivências escolares e relações com a comunidade surda. Esse protagonismo reafirma a importância de ouvir a comunidade surda e reconhecer sua centralidade na construção de práticas educativas mais justas e significativas.

A cartilha destina-se principalmente a professores ouvintes da Educação Básica e do Ensino Superior que atuam ou desejam atuar com estudantes surdos, bem como a profissionais da educação interessados em ampliar sua compreensão sobre a Educação Bilíngue de Surdos e aprimorar suas práticas pedagógicas. Trata-se de um material de apoio formativo, que não pretende esgotar o tema, mas oferecer caminhos possíveis para o trabalho pedagógico.

Quanto à sua utilização, a cartilha pode ser empregada em diferentes contextos, como no planejamento de aulas, em momentos de formação continuada de professores, em estudos coletivos nas escolas ou como material de consulta individual. Os capítulos estão organizados de forma progressiva, permitindo uma leitura sequencial ou a consulta pontual conforme as necessidades do leitor.

Assim, o Produto Educacional convida o professor ouvinte a refletir sobre suas atitudes, metodologias e relações pedagógicas, compreendendo que a inclusão da comunidade surda passa, necessariamente, pela transformação do olhar e da prática docente.

Como utilizar esta cartilha

Esta cartilha foi elaborada como um material de apoio formativo para professores ouvintes que atuam ou desejam atuar com a comunidade surda, no contexto da Educação Bilíngue de Surdos. Seu objetivo não é oferecer receitas prontas, mas orientar práticas pedagógicas, provocar reflexões e apoiar a construção de ações educativas mais acessíveis, éticas e coerentes com as especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda.

O material pode ser utilizado de diferentes formas, conforme as necessidades e os contextos educativos. A leitura pode ser realizada de maneira sequencial, acompanhando a progressão dos capítulos, o que favorece uma compreensão mais ampla e integrada das orientações didáticas. Também é possível utilizar a cartilha por consulta, acessando capítulos ou tópicos específicos de acordo com demandas pontuais da prática docente. A cartilha pode ser empregada em processos de formação continuada de professores, individuais ou coletivos, servindo como base para estudos dirigidos, grupos de discussão e momentos reflexivos sobre a prática pedagógica. Nesse contexto, os capítulos podem ser trabalhados separadamente, permitindo aprofundamentos temáticos conforme o interesse do grupo.

No planejamento pedagógico, o material pode auxiliar o professor na organização de aulas, projetos e avaliações, especialmente no que se refere à visualidade, à comunicação acessível, ao respeito linguístico e às estratégias didático metodológicas. As orientações apresentadas contribuem para antecipar barreiras e pensar na acessibilidade desde o início do planejamento. Em reuniões pedagógicas, a cartilha pode ser utilizada como instrumento de diálogo coletivo, apoiando discussões sobre inclusão, Educação Bilíngue de Surdos e práticas pedagógicas mais sensíveis à diversidade linguística. Os quadros de síntese, exemplos e orientações práticas favorecem a leitura compartilhada e a troca de experiências entre os profissionais da educação.

Dessa forma, esta cartilha reafirma seu caráter formativo, convidando o professor a refletir continuamente sobre sua prática, a dialogar com a comunidade surda e a construir, de maneira coletiva, caminhos pedagógicos mais justos, acessíveis e humanizadores.

Introdução

A comunidade surda historicamente enfrenta desafios no acesso a uma educação que respeite suas especificidades linguísticas, culturais e identitárias. O direito à educação da pessoa surda não se limita à presença na escola, mas envolve a garantia de práticas pedagógicas que reconheçam a Libras como língua legítima de instrução e que assegurem condições reais de aprendizagem. Nesse sentido, a Educação Bilíngue de Surdos constitui-se como um marco fundamental para a efetivação desse direito.

Compreender a surdez como diferença linguística e cultural significa romper com concepções reducionistas que a tratam como deficiência a ser corrigida.

A comunidade surda organiza-se em torno de uma língua visual gestual, de experiências próprias e de formas singulares de produzir conhecimento e se relacionar com o mundo. Reconhecer essa diferença implica rever práticas pedagógicas, currículos e metodologias que historicamente privilegiaram a oralidade e a escrita em detrimento da visualidade.

Nesse contexto, muitos professores ouvintes encontram dificuldades para desenvolver práticas pedagógicas acessíveis, seja pela ausência de formação específica, seja pela falta de materiais orientadores que dialoguem com a Educação Bilíngue de Surdos. Tais desafios não decorrem da falta de compromisso docente, mas de lacunas formativas que precisam ser enfrentadas de maneira coletiva e institucional.

Diante dessa realidade, torna-se fundamental a produção de orientações didáticas acessíveis, que auxiliem professores ouvintes a refletir sobre suas atitudes, metodologias e relações pedagógicas com a comunidade surda.

Esta cartilha nasce com o propósito de contribuir para esse processo formativo, oferecendo caminhos possíveis para a construção de práticas educativas mais inclusivas, respeitadas e alinhadas aos princípios da Educação Bilíngue de Surdos.

CAPÍTULO 1

ORIENTAÇÕES
ATITUDINAIS
PARA O TRABALHO
PEDAGÓGICO COM A
COMUNIDADE SURDA

”

Este capítulo inaugura o conjunto de orientações, destacando que nenhuma prática pedagógica inclusiva se sustenta sem uma postura ética comprometida com o respeito às diferenças.

As atitudes do professor ouvinte são o ponto de partida para a construção de relações pedagógicas mais justas, dialógicas e sensíveis às especificidades linguísticas e culturais da comunidade surda.



1.1 POSTURA ÉTICA DO PROFESSOR OUVINTE



O que significa, na prática?

- Reconhecer o estudante surdo como sujeito de direitos, saberes e experiências
- Compreender que ensinar é uma relação ética, não apenas técnica
- Assumir responsabilidade pela acessibilidade pedagógica

Posturas esperadas

- Abertura ao diálogo
- Respeito às diferenças linguísticas
- Disponibilidade para aprender com a comunidade surda

Evite

- Posturas autoritárias
- Tratamento homogêneo dos estudantes
- Decisões pedagógicas sem diálogo

Inclusão começa na postura, não no material.

1.2 RESPEITO À LIBRAS COMO LÍNGUA LEGÍTIMA



Princípios fundamentais

- Libras é língua, não recurso auxiliar
- Possui gramática, estrutura e história próprias
- Deve ser reconhecida como língua de instrução

Atenção

- Libras não é “tradução” do Português
- Não deve ser usada apenas em momentos pontuais

Implicações pedagógicas

- Planejar aulas considerando a Libras desde o início
- Evitar tratar o Português como única língua legítima
- Respeitar o tempo linguístico do estudante surdo

Inclusão começa na postura, não no material.

1.3 SUPERAÇÃO DE PRÁTICAS ASSISTENCIALISTAS



O que são práticas assistencialistas?

- Infantilizar o estudante surdo
- Reduzir expectativas de aprendizagem
- Facilitar excessivamente os conteúdos
- Confundir inclusão com “pena” ou “caridade”

Por que essas práticas são prejudiciais?

- Limitam a autonomia do estudante
- Reforçam estigmas
- Negam o potencial intelectual

O que fazer no lugar?

- Estabelecer altas expectativas pedagógicas
- Propor desafios reais e significativos
- Valorizar a autonomia e a autoria do estudante surdo

Incluir não é facilitar, é garantir acesso com qualidade.

1.4 ESCUTA PEDAGÓGICA E ALTERIDADE



O que é escuta pedagógica?

Consiste na atenção às experiências e narrativas dos estudantes surdos, reconhecimento dos saberes da vivência surda e a disposição para rever práticas

Escutar implica:

- Observar gestos, expressões e interações
- Dialogar com estudantes e comunidade
- Reconhecer limites da própria formação

Alteridade na prática docente:

- Ver o outro como diferente, não inferior
- Construir conhecimento com o estudante, não sobre ele

Não há educação inclusiva sem escuta verdadeira.

O professor ouvinte comprometido com a comunidade surda:

- ✓ Respeita a Libras como língua de instrução
- ✓ Revê suas atitudes
- ✓ Rejeita práticas assistencialistas
- ✓ Escuta e dialoga
- ✓ Constrói relações pedagógicas éticas

(Skliar, 1998; Gesser, 2009)

CAPÍTULO 2

ORIENTAÇÕES
VISUAIS E ESPACIAIS
PARA A PRÁTICA
PEDAGÓGICA



”

Este capítulo aborda a visualidade como princípio estruturante da Educação Bilíngue de Surdos, evidenciando que o espaço, a organização da sala, a iluminação e os recursos visuais não são elementos neutros, mas componentes centrais do processo de ensino e aprendizagem.

Pensar pedagogicamente o que se vê é condição essencial para garantir o acesso ao conhecimento.





Na Educação Bilíngue de Surdos, a visualidade não é apoio.

Ela é o princípio pedagógico central.

Ensinar exige pensar o espaço, o corpo, os materiais e a imagem como parte do processo de aprendizagem.

2.1 A VISUALIDADE COMO PRINCÍPIO PEDAGÓGICO



O que significa trabalhar com visualidade?

Trabalhar com visualidade significa compreender que o estudante surdo acessa o conhecimento prioritariamente pela visão, planejar a aula pensando no que será visto e não apenas no que será dito, e organizar as informações de forma clara, sequenciada e visualmente acessível.

Visualidade NÃO é:

- Enfeitar slides
- Usar imagens aleatórias
- Excesso de estímulos visuais sem organização

Visualidade É:

- Clareza
- Organização
- Intencionalidade pedagógica
- Comunicação acessível

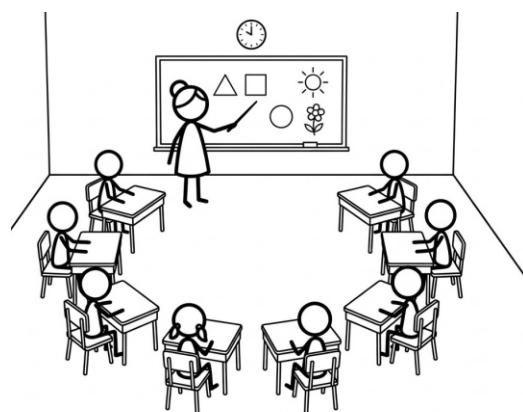
Tudo o que não pode ser visto claramente dificulta a aprendizagem.

2.2 ORGANIZAÇÃO DO ESPAÇO DA SALA DE AULA



Organização espacial adequada

- ✓ Disposição das cadeiras em círculo ou semicírculo
- ✓ Espaço que permita que todos se vejam
- ✓ Professor posicionado em local visível
- ✓ Quadro, telas e materiais sempre no campo visual dos estudantes



Organização espacial inadequada

- ⊗ Alunos em filas longas
- ⊗ Professor andando de costas enquanto explica
- ⊗ Uso do quadro fora do campo visual
- ⊗ Obstáculos entre professor, intérprete e estudantes

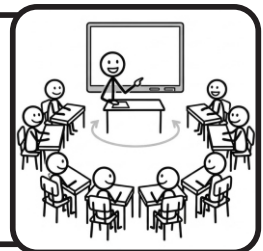
Orientações práticas

- Priorize configurações abertas
- Evite posições fixas que impeçam a visibilidade
- Pense o espaço como parte do planejamento didático



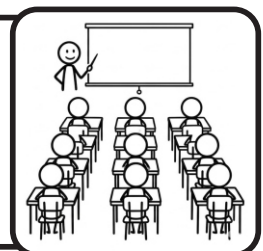
Exemplo positivo:

Sala organizada em semicírculo, com quadro central e professor visível.



Exemplo negativo:

Sala tradicional em filas, com o professor escrevendo de costas no quadro.



2.3 ILUMINAÇÃO E VISIBILIDADE



Por que a iluminação é essencial?

A Libras é uma língua visual-espacial, produzida por meio de dos movimentos das mãos, expressões faciais e corporais que fazem parte da comunicação. Ambientes mal iluminados comprometem a compreensão.

Boas práticas

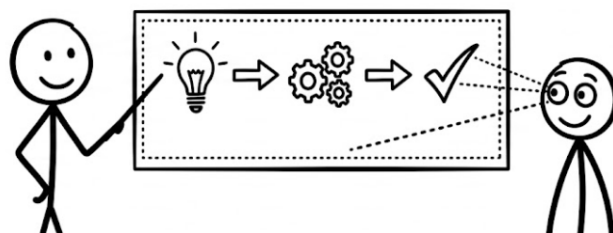
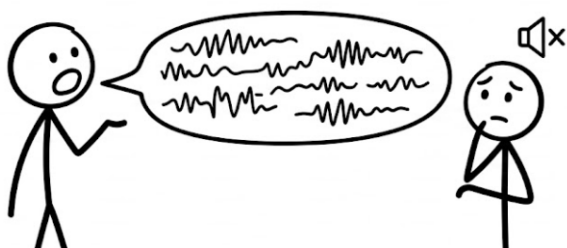
- ✔ Ambientes bem iluminados
- ✔ Luz direcionada ao rosto de quem sinaliza
- ✔ Cortinas abertas quando possível
- ✔ Evitar sombras sobre o rosto e as mãos

O que evitar

- ⊗ Salas muito escuras
- ⊗ Luz forte atrás do professor (contraluz)
- ⊗ Projetores que apagam a visibilidade do sinalizante
- ⊗ Explicações no escuro durante exibição de vídeos

Sem as expressões faciais e manuais, a língua perde o sentido.

2.4 USO INTENCIONAL DE RECURSOS VISUAIS



Recursos visuais recomendados

- ✔ Quadros organizados
- ✔ Slides com pouco texto
- ✔ Imagens claras e contextualizadas
- ✔ Vídeos curtos e objetivos
- ✔ Esquemas, mapas visuais e infográficos

Recursos visuais que prejudicam a aprendizagem

- ⊗ Slides com muito texto
- ⊗ Fontes pequenas
- ⊗ Cores que dificultam a leitura
- ⊗ Imagens sem relação com o conteúdo

2.5 ORIENTAÇÕES PARA O USO DE TEXTOS, LETRAS E FONTES



Tipos de fonte recomendados

- ✔ Arial
- ✔ Calibri
- ✔ Verdana
- ✔ Open Sans

Fontes que devem ser evitadas

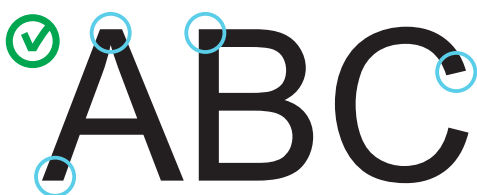
- ✘ Fontes cursivas
- ✘ Fontes decorativas
- ✘ Letras muito finas

Tamanho de fonte

- ✔ Títulos: grandes e destacados
- ✔ Textos: tamanho confortável para leitura à distância
- ✔ Evitar textos longos em uma única tela

Se o texto exige esforço excessivo, ele deixa de ensinar.

Sem serifa



Fontes sem serifa permitem um melhor entendimento e legibilidade

Com serifa



Enquanto fontes serifadas podem dificultar o entendimento e legibilidade.

Fontes cursivas



Fontes decorativas



Fontes finas



2.6 ORIENTAÇÕES SOBRE CORES E CONTRASTES



Combinações recomendadas

- ✔ Fundo claro + letra escura
- ✔ Fundo escuro + letra clara
- ✔ Alto contraste entre texto e fundo

Combinações problemáticas

- ⊗ Letras claras em fundo claro
- ⊗ Letras escuras em fundo escuro
- ⊗ Uso excessivo de cores vibrantes
- ⊗ Textos coloridos sem contraste



Fundo claro use letra escura

Banana

Fundo escuro use letra clara

Banana



Não use letra clara em fundo claro

Banana

Não use letra escura em fundo escuro

Banana



Não use cores vibrantes

Banana

Não use texto colorido

Banana

Uso pedagógico das cores

- ✔ Usar cores para organizar informações
- ✔ Manter padrão ao longo do material
- ✔ Evitar poluição visual

Cor sem contraste não comunica.

2.7 USO DO CORPO, DO SINAL E DO POSICIONAMENTO



Orientações importantes

- ✔ Corpo voltado para os estudantes
- ✔ Sinais claros e intencionais
- ✔ Evitar falar ou sinalizar em movimento excessivo
- ✔ Pausas para permitir leitura visual

O que evitar

- ⊗ Explicar andando pela sala
- ⊗ Falar olhando para o quadro
- ⊗ Sinalizar fora do campo visual



2.8 EXEMPLOS DE PRÁTICAS PEDAGÓGICAS VISUALMENTE ACESSÍVEIS



Exemplo positivo

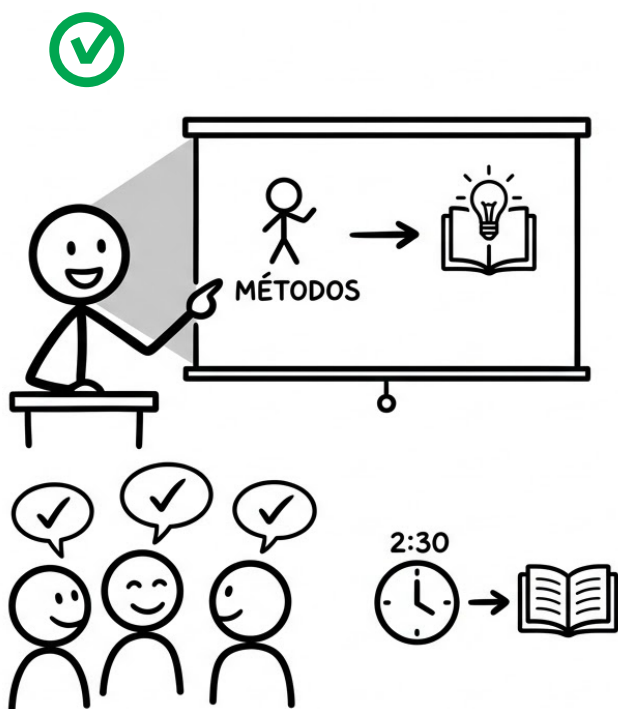
Aula com slides limpos

- ✔ Texto curto
- ✔ Imagens relacionadas ao conteúdo
- ✔ Professor visível

Tempo para leitura e compreensão

Exemplo negativo

- ⊗ Aula baseada apenas em fala
- ⊗ Slides cheios de texto
- ⊗ Professor de costas
- ⊗ Falta de pausas



- ✔ Visualidade é princípio, não recurso
- ✔ Espaço ensina
- ✔ Iluminação comunica
- ✔ Texto precisa ser legível
- ✔ Cor precisa ter contraste
- ✔ Corpo também ensina

Na Educação Bilíngue de Surdos, organizar o espaço é organizar o ensino.

(Quadros, 1997; Brasil, 2021)

CAPÍTULO 3

ORIENTAÇÕES LINGUÍSTICAS E COMUNICACIONAIS



”

Este capítulo discute as bases linguísticas e comunicacionais que orientam o trabalho pedagógico com estudantes surdos, reafirmando a Libras como língua de instrução e o Português escrito como segunda língua. A comunicação acessível é apresentada como elemento fundamental para que o conhecimento circule de forma equitativa no contexto da Educação Bilíngue de Surdos.



3.1 LIBRAS COMO LÍNGUA DE INSTRUÇÃO



Princípio fundamental

A Libras é a língua primeira (L1) da maioria das pessoas surdas, sendo por meio dela que o estudante compreende, interage e constrói conhecimentos, não se tratando de um apoio, mas sim de uma língua de ensino.

O que isso significa na prática?

- ☑ Planejar aulas considerando a Libras desde o início
- ☑ Organizar explicações, interações e atividades em Libras
- ☑ Garantir tempo e espaço para a comunicação em Libras

O que evitar

- ⊗ Usar Libras apenas para “traduzir” o que foi falado
- ⊗ Tratar Libras como recurso secundário
- ⊗ Pressionar o estudante a se comunicar apenas em Português

Ensinar em Libras é garantir o direito de aprender.

3.2 PORTUGUÊS ESCRITO COMO SEGUNDA LÍNGUA (L2)



Princípio fundamental

O português, para estudantes surdos, é uma segunda língua e não sua língua materna, sendo sua aprendizagem prioritariamente na modalidade escrita e exigindo estratégias específicas de ensino.

Boas práticas no ensino do Português L2

- ✔ Trabalhar o Português a partir da Libras
- ✔ Usar imagens, exemplos e contextos reais
- ✔ Priorizar o sentido antes da norma
- ✔ Respeitar o tempo de aprendizagem

Práticas que dificultam a aprendizagem

- ⊗ Ensino baseado apenas em regras gramaticais
- ⊗ Correções excessivas e descontextualizadas
- ⊗ Comparações com alunos ouvintes

Dificuldade em Português não é falta de inteligência, é diferença linguística.

3.3 CLAREZA NA COMUNICAÇÃO PEDAGÓGICA



Comunicação acessível exige:

- ✔ Explicações objetivas
- ✔ Sequência lógica de ideias
- ✔ Pausas para leitura visual
- ✔ Repetição estratégica quando necessário

Evite

- ⊗ Explicações longas e confusas
- ⊗ Falar rápido demais
- ⊗ Mudar de assunto sem transição visual

Comunicação clara é comunicação pensada para quem aprende.

3.4 RELAÇÃO PEDAGÓGICA COM INTÉRPRETES DE LIBRAS



O papel do intérprete

O intérprete é um mediador linguístico, e não um professor, atuando na tradução e interpretação entre Libras e português.

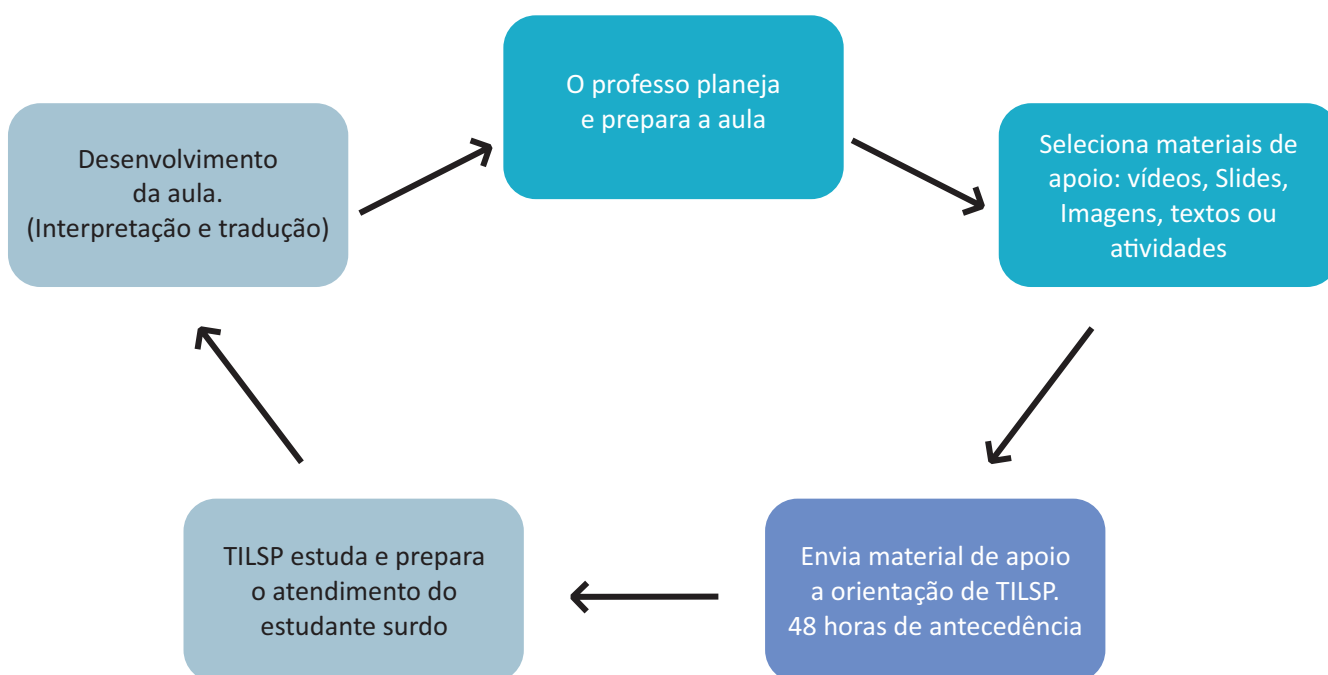
Boas práticas na relação professor–intérprete

- ✔ Planejar aulas em parceria
- ✔ Compartilhar materiais com antecedência
- ✔ Respeitar o tempo de interpretação
- ✔ Manter diálogo constante

O que evitar

- ⊗ Delegar ao intérprete a função de ensinar
- ⊗ Ignorar a presença do intérprete
- ⊗ Falar diretamente com o intérprete, e não com o estudante

O professor ensina; o intérprete traduz o conteúdo para a Libras



3.5 USO CONSCIENTE DA ORALIDADE



Quando a oralidade pode aparecer?

Como complemento, nunca como eixo central, e em contextos específicos, com apoio visual.

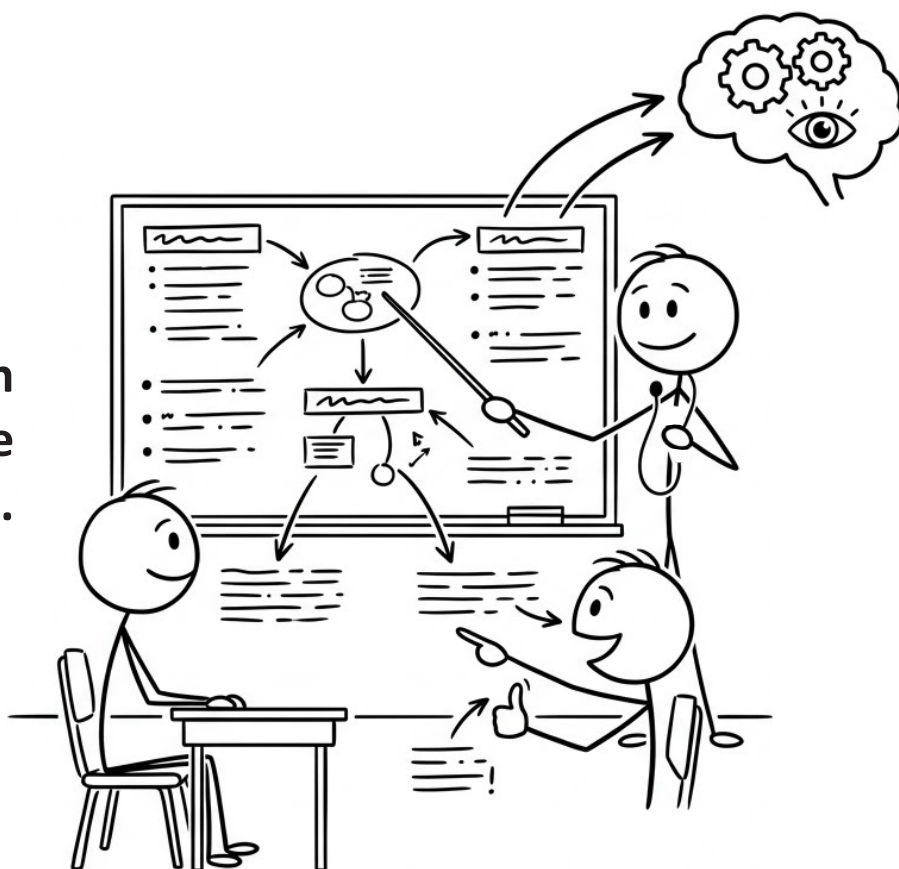
O que é fundamental garantir

- ✔ Que a informação também esteja acessível visualmente
- ✔ Que o estudante não dependa da escuta para aprender

O que evitar

- ⊗ Aulas baseadas exclusivamente em fala
- ⊗ Explicações orais sem apoio visual
- ⊗ Supor leitura labial como solução

Oralidade sem
visualidade
exclui.



3.6 COMUNICAÇÃO EM SALA DE AULA: EXEMPLOS PRÁTICOS



Exemplo positivo

- ✔ Professor sinaliza ou utiliza Libras
- ✔ Usa imagens e esquemas
- ✔ Pausa para compreensão
- ✔ Garante visibilidade e clareza

Exemplo negativo

- ✘ Professor fala de costas
- ✘ Não utiliza Libras
- ✘ Aulas longas sem pausas
- ✘ Informação apenas oral

(Brasil, 2005; Quadros, 1997)

CAPÍTULO 4

ORIENTAÇÕES DIDÁTICO-METODOLÓGICAS

”

Este capítulo trata das escolhas didáticas e metodológicas que sustentam práticas pedagógicas acessíveis e significativas. Ao discutir planejamento, metodologias e organização do ensino, o capítulo evidencia que a didática, quando pensada a partir da diferença linguística, amplia as possibilidades de participação e aprendizagem dos estudantes surdos.



4.1 PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO ACESSÍVEL



Princípio central

Toda prática inclusiva começa no planejamento. A acessibilidade não pode ser pensada “durante” a aula, mas antes.

Planejar de forma acessível significa:

- ✔ Definir objetivos claros
- ✔ Pensar nas estratégias visuais desde o início
- ✔ Prever tempo para explicação, visualização e interação
- ✔ Selecionar recursos adequados à Libras e ao Português L2

Planejamento inadequado

- ✘ Planejar aula apenas para ouvintes
- ✘ Improvisar adaptações no momento da aula
- ✘ Depend exclusivamente da fala

Aula acessível é aula pensada com antecedência.

4.2 METODOLOGIAS ATIVAS E PARTICIPATIVAS



Por que metodologias ativas são importantes?

As metodologias ativas são importantes porque favorecem a participação do estudante surdo, valorizam o corpo, o gesto e a interação, e rompem com a lógica expositiva centrada na fala.

Metodologias recomendadas

- ✔ Trabalhos em grupo
- ✔ Atividades práticas e visuais
- ✔ Uso de imagens, vídeos e objetos concretos
- ✔ Projetos e situações-problema

Metodologias que dificultam a inclusão

- ✘ Aulas exclusivamente expositivas
- ✘ Longos discursos orais
- ✘ Atividades baseadas apenas em escuta

Quanto menos o estudante participa, menos ele aprende.

4.3 SEQUÊNCIAS DIDÁTICAS VISUAIS



O que são sequências didáticas visuais?

Consiste em um conjunto organizado de atividades apresentadas de forma progressiva e visual, com começo, meio e fim claramente definidos.

Elementos essenciais

- ✔ Objetivo visível
- ✔ Etapas bem organizadas
- ✔ Uso de imagens, esquemas e exemplos
- ✔ Retomada visual do que foi aprendido

Evite

- ✘ Atividades soltas e desconectadas
- ✘ Mudanças bruscas de tema
- ✘ Falta de retomada do conteúdo

Organização visual ajuda o estudante a organizar o pensamento.

4.4 ENSINO CONTEXTUALIZADO E SIGNIFICATIVO



O que significa contextualizar?

Relacionar o conteúdo à realidade do estudante, utilizando exemplos do cotidiano e trabalhando com situações reais e conhecidas.

Boas práticas

- ✔ Uso de imagens do cotidiano
- ✔ Exemplos concretos
- ✔ Relação com a experiência do estudante surdo
- ✔ Temas significativos

Práticas pouco eficazes

- ✘ Conteúdos abstratos sem contextualização
- ✘ Exemplos distantes da realidade
- ✘ Ensino baseado apenas em memorização

O que não faz sentido não se aprende.

4.5 USO DO TEMPO PEDAGÓGICO



Orientações importantes

- ✔ Respeitar o tempo de leitura visual
- ✔ Prever pausas durante a aula
- ✔ Não sobrecarregar uma única atividade
- ✔ Dar tempo para compreensão e interação

O que evitar

- ✘ Aulas aceleradas
- ✘ Mudanças rápidas de conteúdo
- ✘ Falta de pausas

Aprender também exige tempo.

4.6 EXEMPLOS DE PRÁTICAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS



Exemplo positivo

- ✔ Aula planejada com objetivos claros
- ✔ Uso de imagens e esquemas
- ✔ Atividade em grupo
- ✔ Retomada visual do conteúdo

Exemplo negativo

- ⊗ Aula improvisada
- ⊗ Longa explicação oral
- ⊗ Falta de recursos visuais
- ⊗ Estudantes apenas observando

(Quadros; Schmiedt, 2006, (Veiga, 2006)

CAPÍTULO 5

ORIENTAÇÕES AVALIATIVAS

”

Este capítulo problematiza a avaliação escolar, compreendendo-a como parte integrante do processo pedagógico e não apenas como instrumento de mensuração de resultados.

Ao considerar as especificidades linguísticas da comunidade surda, o capítulo propõe práticas avaliativas mais justas, formativas e coerentes com os princípios da Educação Bilíngue de Surdos.



5.1 AVALIAÇÃO COMO PROCESSO FORMATIVO



Princípio central

A avaliação deve acompanhar o percurso do estudante, não se restringindo a provas ou momentos finais, e deve orientar o ensino e a aprendizagem.

Avaliação formativa implica:

- ☑ Acompanhar o desenvolvimento ao longo do tempo
- ☑ Identificar avanços e dificuldades
- ☑ Replanejar práticas pedagógicas quando necessário

Evite

- ⊗ Avaliação apenas classificatória
- ⊗ Uso exclusivo de provas finais
- ⊗ Avaliação como punição

Avaliar é acompanhar, não excluir.

5.2 DIVERSIFICAÇÃO DOS INSTRUMENTOS AVALIATIVOS



Princípio central

Os estudantes aprendem de formas diferentes, por isso a avaliação precisa considerar a visualidade e a Libras, reconhecendo que um único instrumento não dá conta da aprendizagem.

Instrumentos avaliativos recomendados

- ✔ Atividades práticas
- ✔ Produções visuais
- ✔ Trabalhos em grupo
- ✔ Apresentações em Libras
- ✔ Registros visuais e escritos

Instrumentos que exigem cuidado

- ⊗ Provas exclusivamente textuais
- ⊗ Avaliações baseadas apenas em oralidade
- ⊗ Instrumentos sem apoio visual

Avaliar sempre do mesmo jeito exclui.

5.3 AVALIAÇÃO VISUAL E CONTEXTUALIZADA



Avaliar de forma visual significa:

- ✔ Usar imagens, esquemas e exemplos
- ✔ Organizar as atividades de forma clara
- ✔ Garantir que o estudante compreenda o que está sendo avaliado

Avaliação contextualizada envolve:

- ✔ Situações reais e significativas
- ✔ Relação com o conteúdo trabalhado
- ✔ Clareza nos critérios de avaliação

Instrumentos que exigem cuidado

- ⊗ Enunciados longos e confusos
- ⊗ Falta de explicitação dos critérios
- ⊗ Atividades descontextualizadas

Se o estudante não entende a avaliação, ela deixa de ser justa.

5.4 PORTUGUÊS ESCRITO NA AVALIAÇÃO



Avaliar de forma visual significa:

- ✔ O Português escrito é L2 para o estudante surdo
- ✔ A avaliação deve considerar esse aspecto

Boas práticas

- ✔ Avaliar o conteúdo, não apenas a forma linguística
- ✔ Usar textos curtos e claros
- ✔ Permitir apoio visual
- ✔ Diferenciar avaliação de língua e avaliação de conteúdo

O que evitar

- ⊗ Penalizar excessivamente erros gramaticais
- ⊗ Avaliar apenas pela escrita normativa
- ⊗ Comparações com estudantes ouvintes

Dificuldades na escrita não anulam o conhecimento.

5.5 AVALIAÇÃO EM LIBRAS



Por que avaliar em Libras?

A Libras é a língua de instrução, e avaliar em Libras garante equidade e permite melhor expressão do conhecimento.

Possibilidades de avaliação em Libras

- ✔ Apresentações em Libras
- ✔ Vídeos gravados
- ✔ Explicações sinalizadas
- ✔ Avaliações práticas mediadas pela Libras

Atenção

- ⊗ Definir critérios claros
- ⊗ Registrar o processo avaliativo
- ⊗ Garantir a visibilidade e a clareza

Avaliar em Libras é reconhecer a língua do estudante.

5.6 EXEMPLOS DE PRÁTICAS AVALIATIVAS



Exemplo positivo

- ✔ Avaliação com imagens e texto curto
- ✔ Critérios claros
- ✔ Possibilidade de resposta em Libras
- ✔ Feedback construtivo

Exemplo negativo

- ⊗ Prova longa e textual
- ⊗ Sem apoio visual
- ⊗ Avaliação surpresa
- ⊗ Correção punitiva

(Luckesi, 2011)

CAPÍTULO 6

ORIENTAÇÕES INTERDISCIPLINARES

”

Este capítulo apresenta a interdisciplinaridade como estratégia pedagógica capaz de ampliar o sentido dos conteúdos escolares e favorecer aprendizagens mais integradas.

No contexto da Educação Bilíngue de Surdos, o trabalho interdisciplinar fortalece a articulação entre Libras, Português como segunda língua e os diferentes campos do conhecimento.



6.1 EXEMPLOS DE PRÁTICAS DIDÁTICO-METODOLÓGICAS



Compreensão inicial

A interdisciplinaridade não é apenas juntar disciplinas, mas articular saberes em torno de temas, problemas ou projetos, valorizando o sentido do conteúdo para o estudante.

Na Educação Bilíngue de Surdos, a interdisciplinaridade:

- ✔ Aula planejada com objetivos claros
- ✔ Uso de imagens e esquemas
- ✔ Atividade em grupo
- ✔ Retomada visual do conteúdo

Conhecimento integrado é conhecimento com sentido.

6.2 PLANEJAMENTO INTERDISCIPLINAR ACESSÍVEL



Planejar de forma interdisciplinar significa:

- ✔ Definir um tema comum entre áreas
- ✔ Estabelecer objetivos claros e compartilhados
- ✔ Pensar recursos visuais e linguísticos desde o início
- ✔ Articular Libras, Português L2 e conteúdos curriculares

O que evitar

- ⊗ Trabalhos sem conexão real entre disciplinas
- ⊗ Projetos sem objetivos claros
- ⊗ Falta de diálogo entre professores

Interdisciplinaridade exige planejamento coletivo.

6.3 TEMAS GERADORES E PROJETOS INTERDISCIPLINARES



O que são temas geradores?

São temas significativos para os estudantes, relacionados à realidade social, cultural e escolar, que potencializam o diálogo entre disciplinas.

Exemplos de temas possíveis

- ✔ Identidade surda
- ✔ Comunicação e linguagem
- ✔ Cultura e comunidade
- ✔ Meio ambiente
- ✔ Direitos humanos

Práticas positivas

- ✔ Uso de imagens, vídeos e narrativas visuais
- ✔ Produções em Libras
- ✔ Trabalhos escritos contextualizados

Práticas pouco eficazes

- ✘ Temas impostos sem diálogo
- ✘ Projetos apenas formais
- ✘ Atividades desconectadas da realidade do estudante

Quando o tema faz sentido, o aprendizado acontece

6.4 ARTICULAÇÃO ENTRE LIBRAS, PORTUGUÊS L2 E CONTEÚDOS CURRICULARES



Possibilidades pedagógicas

O ensino deve utilizar a Libras para a compreensão conceitual, o português escrito para registro e sistematização, e atividades que integrem imagem, texto e sinalização.

Boas práticas

- ✔ Trabalhar vocabulário em Libras antes do texto escrito
- ✔ Utilizar imagens como mediação
- ✔ Respeitar o tempo de aprendizagem em L2

Práticas pouco eficazes

- ✘ Introduzir textos longos sem mediação visual
- ✘ Priorizar apenas o Português
- ✘ Ignorar a Libras no processo interdisciplinar

Línguas não competem, elas se complementam.

6.5 EXEMPLOS DE PRÁTICAS INTERDISCIPLINARES ACESSÍVEIS



Exemplo positivo

- ✔ Projeto sobre cultura surda
- ✔ Envolve Libras, Português L2 e artes
- ✔ Uso de vídeos, imagens e produções visuais
- ✔ Apresentações em Libras

Exemplo negativo

- ✘ Trabalho interdisciplinar presente apenas no "nome"
- ✘ Cada disciplina atua isoladamente
- ✘ Falta de integração visual e linguística

Integrar saberes é ampliar possibilidades de aprender.

(Veiga, 2006, Skliar, 1998; Gesser, 2009)

CAPÍTULO 7

ORIENTAÇÕES PARA O DIÁLOGO COM A COMUNIDADE SURDA

”

Este capítulo encerra o conjunto de orientações reafirmando que a educação da pessoa surda não se constrói apenas dentro da sala de aula, mas na relação viva entre escola, comunidade surda, famílias e territórios. O diálogo é apresentado como princípio ético e pedagógico, indispensável para a construção de práticas educativas mais democráticas e inclusivas



7.1 A COMUNIDADE SURDA COMO SUJEITO COLETIVO



Compreensão fundamental

A comunidade surda não é homogênea, pois possui história, cultura, língua e formas próprias de organização, produzindo saberes que precisam ser reconhecidos pela escola.

Reconhecer a comunidade surda implica:

- ✔ Valorizar sua língua e cultura
- ✔ Reconhecer lideranças e referências surdas
- ✔ Compreender a surdez como experiência social

A comunidade surda não é público-alvo, é sujeito de direitos.

7.2 PARCERIA ENTRE ESCOLA E COMUNIDADE SURDA



O que significa parceria pedagógica?

Trata-se da construção conjunta de práticas educativas, baseada no diálogo constante e no respeito aos saberes da experiência.

Práticas positivas

- ✔ Escutar estudantes e famílias surdas
- ✔ Convidar pessoas surdas para atividades pedagógicas
- ✔ Considerar sugestões da comunidade nas decisões escolares

Inclusão sem diálogo é imposição.

7.3 RELAÇÃO COM FAMÍLIAS DE ESTUDANTES SURDOS



Orientações importantes

- ✔ Estabelecer comunicação acessível
- ✔ Respeitar as diferentes formas de participação das famílias
- ✔ Evitar culpabilização das famílias pelo processo educativo

O que evitar

- ⊗ Comunicação apenas oral
- ⊗ Reuniões sem acessibilidade linguística
- ⊗ Falta de informação clara sobre o processo pedagógico

Família também precisa ser incluída.

7.4 ESCUTA, PARTICIPAÇÃO E PROTAGONISMO SURDO



O que é escuta qualificada?

Implica atenção às falas, aos sinais e às experiências, disposição para rever práticas e reconhecimento dos limites da própria atuação.

Protagonismo surdo na prática

- ✔ Estudantes participando de decisões pedagógicas
- ✔ Espaços para expressão em Libras
- ✔ Valorização da autoria surda

Evite

- ⊗ Falar pelo estudante surdo
- ⊗ Decidir sem consultar
- ⊗ Invisibilizar experiências

Não há protagonismo quando o outro não é ouvido.

7.5 ESCOLAS DEVEM SER INCLUSIVAS



Uma escola inclusiva:

- ✔ Reconhece a diversidade linguística
- ✔ Promove relações respeitosas
- ✔ Valoriza a identidade surda
- ✔ Garante acessibilidade comunicacional

Uma escola excludente:

- ✘ Ignora a Libras
- ✘ Silencia a comunidade
- ✘ Trata a diferença como problema

Pertencer é tão importante quanto aprender.

7.6 EXEMPLOS DE PRÁTICAS DE DIÁLOGO COM A COMUNIDADE SURDA



Exemplo positivo

- ✔ Escola promove rodas de conversa com a comunidade surda
- ✔ Atividades culturais em Libras
- ✔ Participação de lideranças surdas

Exemplo negativo

- ✘ Escola decide sozinha
- ✘ Eventos sem acessibilidade
- ✘ Falta de diálogo com estudantes e famílias

(Skliar, 2003; Santos, 2008)

Considerações Finais

Este Produto Educacional foi construído com o compromisso de contribuir para a qualificação das práticas pedagógicas desenvolvidas com a comunidade surda, a partir de uma perspectiva que reconhece a Educação Bilíngue de Surdos como direito, como política educacional e como prática cotidiana. Ao longo da cartilha, buscou-se evidenciar que a inclusão pedagógica não se resume à presença do estudante surdo na escola, mas exige transformações reais nas atitudes, nas linguagens, nos espaços, nas metodologias e nas formas de avaliação.

As orientações apresentadas não pretendem esgotar as possibilidades de trabalho pedagógico com a comunidade surda, tampouco oferecer modelos fechados de atuação. Ao contrário, este material se propõe como um guia formativo, aberto ao diálogo, à reflexão crítica e à adaptação conforme os diferentes contextos educativos. Cada escola, cada professor e cada comunidade apresentam especificidades que precisam ser consideradas no planejamento e na prática pedagógica. Um dos princípios centrais desta cartilha é o reconhecimento do protagonismo surdo na construção de práticas educativas mais justas e significativas. Escutar a comunidade surda, respeitar a Libras como língua legítima e compreender a surdez como diferença linguística e cultural são condições fundamentais para a efetivação de uma educação verdadeiramente inclusiva. Nesse sentido, a cartilha reafirma que nenhuma prática pedagógica voltada à comunidade surda deve ser pensada sem a participação da própria comunidade.

Por fim, espera-se que este Produto Educacional contribua para provocar reflexões, inspirar mudanças e fortalecer práticas pedagógicas comprometidas com o direito à educação da pessoa surda. Que ele possa ser utilizado como instrumento de formação, de consulta e de diálogo, incentivando professores ouvintes a revisar suas práticas e a construir, de forma contínua, uma educação mais acessível, ética e humanizadora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 10.436, de 24 de abril de 2002. Dispõe sobre a Língua Brasileira de Sinais – Libras. Diário Oficial da União, Brasília, 25 abr. 2002.

BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. Regulamenta a Lei nº 10.436/2002 e o art. 18 da Lei nº 10.098/2000. Diário Oficial da União, Brasília, 23 dez. 2005.

BRASIL. Lei nº 13.146, de 6 de julho de 2015. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Diário Oficial da União, Brasília, 7 jul. 2015.

BRASIL. Ministério da Educação. Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva. Brasília: MEC/SEESP, 2008.

BRASIL. Ministério da Educação. Educação Bilíngue de Surdos: fundamentos e práticas. Brasília: MEC, 2021.

GESSER, Audrei. Libras? Que língua é essa? São Paulo: Parábola, 2009.

QUADROS, Ronice Müller de. Educação de surdos: a aquisição da linguagem. Porto Alegre: Artmed, 1997.

QUADROS, Ronice Müller de; SCHMIEDT, Magali. Ideias para ensinar português para alunos surdos. Brasília: MEC/SEESP, 2006.

SKLIAR, Carlos (org.). A surdez: um olhar sobre as diferenças. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SKLIAR, Carlos. Pedagogia (improvável) da diferença. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

VEIGA, Ilma Passos Alencastro. Didática: o ensino e suas relações. Campinas: Papyrus, 2006.

LUCKESI, Cipriano Carlos. Avaliação da aprendizagem escolar. São Paulo: Cortez, 2011.

ANEXOS

SUGESTÕES DE RECURSOS PEDAGÓGICOS

Os recursos apresentados nestes anexos devem ser utilizados de forma intencional, articulados ao planejamento pedagógico e às necessidades dos estudantes surdos.

Nenhum recurso, isoladamente, garante inclusão. O que torna a prática pedagógica acessível é a combinação entre postura ética, visualidade, respeito linguístico e diálogo com a comunidade surda.

ANEXO A – SUGESTÃO PEDAGÓGICA: EXIBIÇÃO SEGUIDA DE RODA DE CONVERSA VISUAL E DISCUSSÃO EM LIBRAS.

Finalidade: ampliar a compreensão sobre a cultura surda, a Libras e as experiências educacionais da comunidade surda.

- As mãos que falam – documentário brasileiro sobre Libras e identidade surda;
- Sou surda e não sabia – documentário (Brasil);
- O som do silêncio (Sound of Metal) – filme para debate sobre identidade e surdez;
- E seu nome é Jonas – filme para reflexão pedagógica;
- Produções do Canal Libras Gov (YouTube);
- Curtas e vídeos educativos produzidos por pessoas surdas.

Exibição seguida de roda de conversa visual e discussão em Libras.

ANEXO B – SUGESTÕES DE APLICATIVOS E RECURSOS DIGITAIS ACESSÍVEIS

Finalidade: apoiar o ensino, a comunicação e o planejamento pedagógico acessível

- Hand Talk – tradução automática para Libras;
- VLibras – acessibilidade em textos e sites;
- Spread the Sign – dicionário visual de sinais;
- Libras em Foco – aplicativo educativo;
- Canal Libras Gov – vídeos institucionais e educativos;
- YouTube com legendas automáticas e manuais (uso orientado).

Apps são apoio, não substituem o professor nem o intérprete.

ANEXO C – SUGESTÕES DE JOGOS PEDAGÓGICOS ACESSÍVEIS

Finalidade: favorecer a aprendizagem lúdica, visual e participativa.

- Jogos de memória com imagens e sinais;
- Dominó visual (imagem–sinal / imagem–palavra);
- Bingo visual temático;
- Cartas ilustradas para construção de narrativas;
- Jogos de associação visual.

Os jogos podem ser produzidos pelos próprios estudantes.

A NEXO D – SUGESTÕES DE DINÂMICAS PEDAGÓGICAS INCLUSIVAS

Finalidade: promover interação, protagonismo e aprendizagem ativa.

- Roda de conversa em Libras;
- Leitura visual de imagens;
- Produção de vídeos curtos em Libras;
- Dramatizações visuais;
- Sequência de imagens para construção de histórias;
- Trabalho em grupo com apresentação sinalizada;

As dinâmicas devem respeitar o tempo visual e linguístico dos estudantes.

ANEXO E – SUGESTÕES DE LEITURAS E MATERIAIS DE APOIO

Finalidade: favorecer a aprendizagem lúdica, visual e participativa.

- Educação de surdos: a aquisição da linguagem – Ronice Müller de Quadros (1997)
- Ideias para ensinar português para alunos surdos – Ronice Müller de Quadros; Magali Schmiedt (2006)
- Libras? Que língua é essa? – Audrei Gesser (2009)
- A surdez: um olhar sobre as diferenças – Carlos Skliar (1998)
- Pedagogia (improvável) da diferença – Carlos Skliar (2003)
- Didática: o ensino e suas relações – Ilma Passos Alencastro Veiga (2006)
- Avaliação da aprendizagem escolar – Cipriano Carlos Luckesi (2011)
- Educação bilíngue para surdos – Ronice Müller de Quadros (2019)
- Inclusão escolar: pontos e contrapontos – Maria Teresa Eglér Mantoan (2003)

Guia de Orientações Didáticas para o Trabalho
Pedagógico com a Comunidade Surda



Guia de Orientações Didáticas para o Trabalho Pedagógico com a Comunidade Surda

ED.1 | 2026



Distribuição gratuita. Proibida a comercialização.